

Turquia: Livro sobre a tortura como instrumento de dominação editado em Portugal

2017/02/10 - 1:34pm

A impossibilidade de "penetrar na experiência" da tortura através da literatura está expressa no livro "O Edifício de Pedra" que reflete sobre estas práticas levadas a cabo pelo regime de Erdogan sobre os curdos.

A autora do livro- que será lançado a 15 de fevereiro- Asli Erdogan disse à Lusa a partir de Istambul que "existem e conheço muitos livros sobre campos de concentração, em particular de ex-prisioneiros e sobreviventes, e o principal elemento é que não é possível penetrar nessa experiência".

A escritora turca está em liberdade condicional desde o final de dezembro do ano passado depois já de ter passado cinco anos na prisão devido a suspeitas de "atividades subversivas".

"A minha principal questão foi saber até que ponto pode ir a literatura face a situações extremas como a tortura, ou campos de concentração", referiu Asli Erdogan, que foi detida em agosto de 2016 sob a acusação de ligações à resistência curda, tendo acrescentado que "as experiências extremas estão para além da linguagem".

O sagrado, o feio e o sórdido

A escritora disse ainda que procurou uma linguagem que "pudesse tocar na essência" de uma experiência levada ao extremo.

"Por exemplo, na literatura turca a tortura é geralmente abordada como uma questão de coragem ou resistência, enquanto na literatura latino-americana é geralmente encarada como uma tragédia", assinalou.

Desta forma, no livro "O Edifício de Pedra", a autora referiu que procurou uma nova abordagem, tendo explicado que tentou "transportar o mais sagrado, o mais sórdido e o mais feio, em conjunto".

"É por isso que no livro existe o homem louco e um anjo, que de facto são a mesma pessoa", disse.

Faz no entanto um alerta para aquilo que considera serem os limites desta incursão num

mundo de sofrimentos.

‘Há um momento em que a literatura deve parar, não deve entrar na câmara de tortura e explicar o que sucede. Isso não será literatura, antes uma espécie de pornografia da dor’, declarou.

A escritora diz ainda que o romance é atual, definindo-o com uma ‘metáfora’, que se pode relacionar com ‘qualquer edifício de pedra, pelo mundo’.

Asli Erdogan - que foi distinguida no passado dia 10 de janeiro por uma fundação austríaca de direitos humanos com o prémio Bruno Kreisky - é autora de oito livros, alguns traduzidos em França, Reino Unido e Estados Unidos, tendo sido também colunista e membro do conselho consultivo do diário da oposição pró-curdo *Özgür Gündem*, encerrado após a imposição do estado de emergência que se seguiu à tentativa de golpe militar de 15 de julho.

Na sequência do encerramento do jornal, Asli acabou por ser detida com mais de 20 outros jornalistas e funcionários do jornal e está a ser julgada no seu país por quatro crimes diferentes.

Quando os regimes se tornam cada vez mais totalitários mais jornalistas conhecem problemas, mas se começam a tocar nos artistas e nos escritores, isso significa que pretendem garantir o monopólio da verdade

A escritora está proibida de sair da Turquia até à conclusão do julgamento, manifestando preocupação com os ‘sinais’ que se avolumam no seu país.

‘Se o sistema é incapaz de digerir ou mesmo tolerar-me, mesmo a mim, isso significa que é um sinal muito sério’, sublinhou, tendo ainda deixado o alerta: ‘Quando os regimes se tornam cada vez mais totalitários mais jornalistas conhecem problemas, mas se começam a tocar nos artistas e nos escritores, isso significa que pretendem garantir o monopólio da verdade’.

Asli Erdogan não hesita em comparar a atual situação na Turquia à década de 30 do século passado, marcada por aquilo que considera como uma ‘grande vaga de líderes populistas e autoritários’ que chegaram ao poder em diversos países e com discursos muito parecidos sobre questões relacionadas com liderança e patriotismo.

‘Na Turquia é um fenómeno mais evidente, na nossa história nunca tivemos instituições democráticas fortes, a nossa proximidade com um Médio Oriente sempre em convulsão torna a situação mais instável’, afirmou.

O trabalho de Asli Erdogan está marcado pela preocupação com as minorias, sejam curdos, alevis -um ramo místico do islão e seguidores de Ali, com milhões de crentes na Turquia de maioria sunita - e também com as mulheres que independentemente de ‘serem em maior número que os homens são tratadas como uma minoria’.

A edição portuguesa de ‘O Edifício de Pedra’ tem tradução de José Manuel Barata-Feyo e é publicado pela Editora Clube do Autor.

Artigos relacionados:

[Erdogan desmantela o partido curdo e dá novo passo para o confronto civil](#) ^[1] [Turquia prende autarcas da maior cidade de maioria curda](#)

[2]

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

Source URL: <http://www.esquerda.net/en/artigo/turquia-livro-sobre-tortura-como-instrumento-de-dominacao-editado-em-portugal/46938>

Links:

[1] <http://www.esquerda.net/en/artigo/erdogan-desmantela-o-partido-curdo-e-da-novo-passo-para-o-confronto-civil/45336>

[2] <http://www.esquerda.net/en/artigo/turquia-prende-autarcas-da-maior-cidade-de-maioria-curda/45089>